MODA NO MÉDIO ORIENTE: ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS SOB INFLUÊNCIA OCIDENTAL

SILVIA SASAKI (mestranda em História – UDESC)

RESUMO

Sob a perspectiva de se manter um olhar observador e não crítico, a proposição deste trabalho está em buscar as peculiaridades e costumes no Médio Oriente, sendo a moda, a indumentária e, principalmente, os calçados o cerne para tal discussão, tendo como visão referencial a História na investigação do desenrolar de hábitos de alguns países Orientais.

PALAVRAS - CHAVE: Médio Oriente. Moda. História.

RÉSUMÉ

Sous le risque se maintenir d'un regard observateur et non critique, la proposition de ce travail est dans chercher les particularités et habitudes dans le Moyen-Orient, en étant la mode, l'indumentária et, principalement, les chaussures le cerne pour cela discussion, en ayant je mange de la vision référentiel l'Histoire dans la recherche du déroulement d'habitudes de quelques pays du Moyen-Orient.

MOTS CLÉ: Moyen Orient. Mode. Histoire.

INTRODUÇÃO

Berço de três religiões e diversas civilizações, o Oriente Médio foi durante séculos o maior centro de cultura e idéias, de técnicas e comércio e, por vezes, de poderio militar e político do mundo antigo. Neste imenso e vibrante painel, descortinam-se mais de dois mil anos de história: a implantação do monoteísmo e a difusão do cristianismo, o surpreendente e rápido desabrochar do islamismo ao longo de uma vasta área, as ondas de invasores do leste e a hordas de mongóis de Gengis Khan, a irrupção dos turcos otomanos na Anatólia, dos mamelucos no Egito, culminando com o apogeu e declínio do grande Estado otomano. [1]

A construção da idéia de Oriente, de fato, só ocorre em inversão e analogia ao Ocidente. Diferente nos costumes e na cultura, essa separação do mundo, construída socialmente e sob interesses políticos no imaginário das pessoas, também é fonte de desentendimentos. Ciente desses conflitos e sob a perspectiva de se manter um olhar observador e não crítico, a dimensão histórico – cultural torna-se essencial para a exploração dos hábitos e costumes, onde a moda e o comportamento se demonstram em conceitos muito diferentes aos conhecidos preceitos ocidentalizados.

Um local comum na maioria das cidades do Oriente é o café ou a casa de chá, onde, em quase todas as horas do dia, podemos ver homens – em geral, apenas homens – sentados, tomando uma xícara de café ou chá, talvez fumando um cigarro, lendo um jornal, disputando uma partida em um jogo de tabuleiro e escutando meio distraído o que quer que venha do rádio ou da televisão. Em aparência, esses homens não parecem muito diferentes de uma figura semelhante sentada em um café de outros lugares do Ocidente. Mas ele parecerá muito diferente do que eram seus predecessores há 150 anos atrás. As mudanças que aconteceram na aparência, no porte, no traje e no comportamento desses indivíduos orientais são quase inteiramente de origem européia e americana. São mudanças que, com algumas exceções, tiveram origem na própria sociedade, e mesmo as exceções recentes vieram da sociedade estreitamente aparentada da América. As mudanças, na maior parte, vieram de sociedades e culturas profundamente estranhas às tradições nativas das regiões do Oriente. O homem no café, sentado em uma mesa, lendo um jornal, condensa as mudanças que lhe transformaram a vida, tendo a aparência que tem o que faz, como se veste, e até mesmo o que ele é, simbolizando as imensas e devastadoras mudanças que, vindo do Ocidente, afetaram o Oriente em tempos modernos.

A primeira e mais óbvia e visível mudança, ocorreu nas roupas. É ainda possível que se use o vestuário tradicional, mas isso está se tornando cada vez menos freqüente nas cidades do médio oriente. Com toda probabilidade, veste-se ao estilo ocidental, camisa e calça, ou, atualmente, camiseta e jeans. Roupa, claro, tem uma enorme importância, não só como meio de proteger o corpo do frio e da umidade, preservando o decoro, mas também – e, sobretudo, nesta parte do mundo – como maneira de indicar a identidade da

pessoa, como declaração da sua origem e como sinais de reconhecimento aos demais que os compartilham.

No século VII a.C., no livro do profeta *Sofonias*, declara-se que "No dia do sacrifício do Senhor, Deus castigará todos os que trajam vestiduras estrangeiras" [2]. O turbante, segundo uma tradição atribuída ao Profeta, "é a barreira entre a incredulidade e a fé" [3]. Embora a fé e a crença sejam incontestáveis nesses países do Oriente Médio, temporalmente muitos discursos se deterioraram, principalmente por causa das influências Ocidentais, tendo na roupa e no comportamento o reflexo claro dessas mudanças. O homem à mesa do café, fumando um cigarro, citado acima, é exemplo deste reflexo estrangeiro no comportamento, onde sentar para tomar um chá ou café, trata-se de um costume europeu; e o hábito de fumar cigarro é uma importação estado unidense.

A mudança de vestuário começou com os militares - como aliás a maioria dos aspectos da modernização. Para os reformadores [4], os uniformes militares ocidentais revestiam-se de certa magia. Conforme seus exércitos eram derrotados, uma vez após a outra, os governantes mulçumanos adotaram não só as armas, mas também a organização e equipamentos de seus adversários, incluindo os uniformes de estilo ocidental. Por ora, a mudança de estilo continua a ser um testemunho permanente da autoridade e da atração da cultura ocidental, mesmo entre os que a repudiam.

Mesmo nos uniformes militares, o barrete [5] foi a última peça a ser mudada e ainda hoje é provável que, na maioria dos países árabes, o homem citado no café use alguma forma tradicional de cobrir a cabeça. A importância simbólica da cabeça e de sua cobertura é relacionada à fé e religião. Os mulçumanos, da mesma forma que os judeus, e ao contrário dos cristãos, rezam com a cabeça coberta como sinal de respeito.

De fato, houve maior resistência à ocidentalização da indumentária feminina Oriental. As mudanças só ocorreram mais tarde, lentamente, e em pequena escala, mesmo em dias atuais, como entre os homens. As normas mulçumanas sobre o decoro feminino tornam delicado este assunto, que é uma discórdia constante. Segundo Lewis, em alguns lugares, a abolição do véu foi realizada por uma espécie de pressão social, sem o aparato do cumprimento legal, que implementou a abolição das coberturas de cabeça tradicionais dos

homens [6]. Assim, e também em outros aspectos, a mudança do vestuário reflete realidades femininas diferentes, mas, em sua maioria, reprimidas se comparada aos conceitos Ocidentais.

EGITO

Além da indumentária específica para tal região, no Egito antigo nasceram também as primeiras sandálias. O calçado rasteiro e com tiras surgiu devido ao clima e geografia do Egito.

Os desenhos do Rei Narmer por volta de 3100 a.C. mostram um servente chamado de "carregador de sandálias" que tinha como função andar atrás dos reis carregando as sandálias reais nos seus antebraços, indicando a importância do sapato nas vestimentas cerimoniais. As sandálias egípcias eram feitas de couro, palha trançada, tira de folhas de palmeira ou de papiro, ou ainda feitas de junco de pântanos. Os "carregadores de sandálias" quase sempre mostrados descalços em pinturas de parede, eram homens e mulheres. [7] Os faraós calçavam sandálias muito simples, porém enfeitadas com ouro, embora sandálias fosse um item de luxo para todos.

Escavações em tumbas revelaram que esses objetos, as sandálias, tinham uma função social. A sandália manteve continuidade de forma ao longo da civilização faraônica e duraram até a Era *Copta*, do Cristianismo Egípcio. Quando um faraó entrava num templo, ou quando seus súditos celebravam o culto da morte nas capelas funerárias, eles removiam suas sandálias na entrada do santuário, um costume depois adotado por muçulmanos ao entrar nas mesquitas. O ritual mostrava a forte relação que existia entre o sapato e o sagrado, uma relação que também é estabelecida em passagens da bíblia. [8] Quando um egípcio morria, as sandálias eram embrulhadas junto com outros itens para a outra vida. Elas eram colocadas no peito e serviam de ilustração para decorar o interior do sarcófago de madeira.

Outra sandália também surgiu no Egito no segundo milênio antes de Cristo: a sandália de bico levantado, sendo, provavelmente, uma influência Hitita [9]. Foi o precursor da *poulaine*, ou sapato pontiagudo - uma moda excêntrica medieval introduzida na Europa do leste pelas cruzadas. [10]

As roupas usadas pelos egípcios eram, basicamente, compostas de um saiote. Esse vestuário deixava apresentável para se dirigir a qualquer lugar. O

homem levava suas sandálias nas mãos e só calçava-lhe quando chegava ao destino final. Algumas sandálias tinham os solados e correias de ouro. A correia passava entre o primeiro e o segundo dedo do pé, e as outras formavam uma espécie de nó, que apertavam no calcanhar.

Muitas sandálias eram feitas de papiro, que era encontrado nas margens do rio Nilo. Foi muito utilizado pelos egípcios para diversos propósitos. As folhas eram sobrepostas e trabalhadas para serem transformadas numa espécie de papel, conhecido pelo mesmo nome da planta. Este papel era utilizado pelos escribas egípcios para escreverem textos e registrarem as contas do império. Vários rolos de papiro, contando a vida dos faraós, foram encontrados pelos arqueólogos nas pirâmides egípcias.

O papiro tinha outras funções no Egito. Os artesãos utilizavam a planta para a fabricação de cestos, sandálias, redes e até mesmo pequenas embarcações. Era também utilizado como alimento pelas pessoas mais pobres e também para alimentar o gado. A criança aprendia primeiramente a ler e a escrever. Como o papiro era um material caro para ser desperdiçado, os estudantes recebiam inicialmente, para os seus exercícios, placas de calcário muito bem polido nas quais estavam riscadas linhas ou quadrados. [11]

ÁRABES

Na cultura árabe, o simples ato de mostrar a sola do sapato a outro ser humano é considerado grosseiro. Se o indivíduo faz uma ameaça verbal e acrescenta seu desprezo "com um sapato", esta ameaça acaba se tornando além de uma agressão física, também um insulto gravíssimo. [12]

Um gesto como cruzar as pernas colocando o tornozelo sobre o joelho, por exemplo, não deve jamais ser feito em um lugar público, sob pena de ofender a pessoa perto de você. Mostrar os sapatos é uma ofensa e está associada ao fato de que, entre os muçulmanos, sapatos são considerados imundos.

Além dos rituais de higiene purificadora antes das orações, os muçulmanos devem também tirar seus sapatos para rezar. É proibido calçar sapatos dentro de uma mesquita. Eles devem ser deixados na porta ou carregados, de preferência, com a mão esquerda e com as solas pressionadas umas contra as outras.

A tradição entretanto, para além do mundo islâmico, os conceitos de sujeira e degradação simbolizados pelo sapato cruzam todas as fronteiras religiosas no Oriente Médio.

Os sapatos na cultura árabe não são simbolo de beleza e fetiche - como na China, em relação aos "pés de lótus" - e sim sinal de insulto de humilhação até os dias de hoje. Por isso o acontecido de George W. Bush, no ano de 2008, foi tão falado em todo o mundo, por ter sido uma enorme falta de respeito e consideração com o presidente. Bush, ao contrário, recebeu elogios pela forma digna como reagiu ao incidente.

TURQUIA

Os turcos têm o costume de tirar os sapatos antes de entrarem em casa por razões de limpeza. Ao andar na rua o sapato estará em contacto com todo o tipo de sujeira e os turcos não querem trazê-la para sua casa.

O fato é que, por questões de moralidade, atualmente, o papel da mulher turca é claramente colocado abaixo ao do homem – tendo em vista os conceitos ocidentais de sociabilidade - obrigando-as a costumes milenares, como o uso do véu, tanto dentro quanto fora de seus lares. O mesmo acontece em relação aos pés femininos, que, quanto mais cobertos, mais respeitada será tal mulher.

Interessantemente citar aqui que, em 1958, a descoberta de Çatal Hüyük [13], feita pelos arqueólogos James Mellaart, Alan Hall e David French, na Anatólia, revolucionou todo o conhecimento da história da moda e civilização. A história da moda na Antigüidade começava com os sumérios e egípcios. E até então se pensava que comunidades com mais de 4.000 anos eram nômades, caçadores vestidos de peles, com a única intenção de sobrevivência, sem a menor preocupação com a moda ou a arte. Çatal Hüyük mudou a visão da moda na comunidade acadêmica, abriu lugar para interrogações mais audaciosas e surpreendentes. As habitações mostravam o papel de destaque da mulher. A mais importante era a da dona da casa, que ocupava um lugar de destaque no ambiente familiar. Já aquela destinada ao homem era de dimensões mais reduzidas e ocupavam somente um canto da peça.

Esta era uma sociedade que dava valor aos acessórios e ao vestuário, como é possível confirmar pela existência das jóias de cobre e chumbo, das

vestimentas em tecidos coloridos com tinturas vegetais, fivelas de cinto, esteiras e tapetes finamente tecidos. Outro exemplo antigo da preocupação com a moda e a peças de obsidiana e âmbar com cerca de 10.000 anos de idade. O cobre era usado há 10.000 anos para a fabricação de jóias, apenas há 4.000 anos passou a ser utilizados em peças mais utilitárias como armas e ferramentas. Não foram encontradas referencias sobre os motivos que causaram tantas mudanças nos hábitos morais femininos e também relacionados as alterações nas vestimentas, mas existem fortes indícios que, diante de diversas invasões em territórios turcos, culturas diferentes foram se sobrepondo e, temporalmente, alterando as regras e modos de viver de tais sujeitos.

Embora de forma lenta, se comparado aos conceitos ocidentais, as relações entre roupa, acessórios e moral apresentaram poucas, mas importantes modificações no concerne do papel que a mulher turca desenvolve em seu meio social. Exemplo disso foi um dos primeiros desfiles de moda, realizado no mês março de 2008, intitulado “Moda Islâmica da Turquia”. O evento foi acompanhado por muitas agências internacionais, principalmente provindas do Ocidente. Em sinal de protesto, algumas estudantes desfilaram com perucas, contra a não autorização do véu islâmico nas universidades. Ou seja, ao entrar na universidade, as estudantes têm que retirar o véu e, por este fato, muitas optam por usar peruca durante suas permanências no interior das instituições.

Em contrapartida, o crescimento da Turquia na indústria têxtil é fenomenal. Segundo estatísticas da Associação dos Exportadores Têxteis e de Vestuário de Istambul, o crescimento nesta área tem sido considerável nos últimos seis anos.

As importações de têxteis técnicos realizadas pela Turquia durante 2006 totalizaram 625 milhões de dólares, provenientes essencialmente de países como a Alemanha, Itália, China, Reino Unido e França. Para satisfazer a procura interna, a Turquia efetua importações de cerca de 15 países. Dentro destas importações, os não-tecidos e os tecidos revestidos têm sido as principais categorias importadas.

Apesar do considerável número das importações de têxteis técnicos, a taxa de cobertura neste segmento é atualmente positiva graças a um aumento

de 100% das exportações ao longo dos últimos seis anos. Durante o ano 2000, o valor das exportações situava-se em torno dos 405 milhões de dólares, tendo atingido o montante de 847 milhões de dólares durante o ano de 2006.

A REVISTA *ALEF*

Embora a imprensa do Médio Oriente seja tão difundida e com um moderno maquinário em sua produção, a maior parte dos periódicos que circulam nesses países são de cunho político e social. Por interesses de seus líderes, a informação que chega aos indivíduos, em geral, passa por uma espécie de filtro, onde se veicula somente questões governamentais e familiares, desde que não estejam relacionados em afronta aos conceitos morais de cada país.

Assim, as revistas femininas são escassas e trazem considerações limitadas, focadas geralmente na família.

Criada pelo *sheick* kuwaitiano Majed Al-Sabah, a revista *Alef* aparece no mercado como a primeira publicação do mundo árabe dedicada à moda. Depois de ter difundido o inovador conceito *Villa Moda* – uma espécie de central comercial de luxo, que aloja grandes marcas como *Gucci, Prada* ou *Bottega Veneta* – por localizações como o Kuwait ou Dubai, Majed Al-Sabah apresentou em 2006 o primeiro número da revista trimestral, trazendo temas que vão de eleição à moda, beleza, design, cinema e música, sendo quase a sua totalidade dedicada a assuntos relacionados com o Médio Oriente.

Interessante notar que, na maior parte de seu conteúdo, as propagandas de perfumes e cosméticos são de marcas renomadas do Ocidente, sobrando pouco ou quase nenhum espaço para os fabricantes Orientais. O mesmo ocorre com as roupas, confundindo o leitor, devido a substancial proximidade, com as páginas da revista *Vogue* americana e européia, por exemplo. Mesmo com longos artigos sobre o Oriente – e, muitos, ainda de cunho político e moral – o periódico é moldado no conceito de revista de moda ocidentalizado, principalmente americano e europeu. Da capa aos editoriais, ficam claras os referenciais caucasianos como padrão de beleza - bem diferente dos traços das mulheres do Oriente Médio.

Voltada para o público feminino de classe alta, assim como o *Villa Moda* do mesmo *sheick*, a imagem que a revista vende é a de uma mulher

consumista, especificamente do mercado de luxo - diferente da maioria da população por onde a revista circula. Ou seja, nota-se uma fronteira bem demarcada entre as classes, não somente no sentido de moda e acessórios, mas de interesses e moral, tanto público quanto privado.

CONCLUSÃO

A religiosidade no Oriente Médio é, de fato, o traço mais marcante no sentido tanto histórico quanto atual, tendo em vista a atuação dos indivíduos em seus cotidianos e na estruturação de suas culturas. Assim, a tradição é algo de extremo valor – muitas vezes, mais que a própria vida – sendo passada de geração em geração, tornando difícil a inclusão de mudanças de gostos, concepções e hábitos tanto no âmbito público, quanto no privado.

Além da importância empreendida para a religião, o olhar vigilante pregado pelos costumes, sempre lançado ao outro, espera uma conduta dentro dos padrões, principalmente por parte das mulheres. Logo, é no vestuário e nos comportamentos que tais idéias serão refletidas, pois também devem corresponder à moral bem demarcada, sob o prospecto de ser julgado o sujeito que não estiver adequado aos moldes de tais sociedades.

Pode-se perceber que existe uma identidade Oriental bem marcada e não é correto o julgamento por parte dos dimensionamentos ocidentalizados, uma vez que as tradições e culturas são tão diferentes. Quando se julga o papel feminino como inferior, traz-se a tona o olhar Ocidental, e não neutro – o que não caberia neste trabalho.

Ficam bem demarcadas também as questões de classe, uma vez que o uso de algumas peças e de certos sapatos, em algumas regiões, só ocorre pelos mais abastados. Isto é, tanto a roupa quanto os calçados são diferenciadores sociais.

Além disso, a absorção do conceito de moda, pela maior parte da população, esta longe de ser total, ou ao menos, em grande parte. Como já explicitado, a tradição perdura fortemente, como o caso das *burcas* e dos véus. Mas, em um contraponto à maior parte da população, o mercado de alto luxo é crescente e, aqueles que podem consumi-lo usam, principalmente, roupas, sapatos e acessórios como peças diferenciadoras.

Portanto, a questão da moda e dos calçados no Médio Oriente, e todo seu contexto histórico e cultural, são reflexos sociais muito mais profundos, menos palpáveis, que o próprio objeto (a moda) em questão, mas que permeiam as tradições e o cotidiano, bem como as crenças de seus indivíduos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIET, Pierre. **As civilizações antigas do médio oriente.** Lisboa: Europa-América, 1974.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da antiguidade oriental.** Petrópolis: Vozes, 1992.

KÖHLER, Karl; SICHART, Emma von. **História do vestuário.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEWIS, Bernard. **O Oriente Médio:** do advento do cristianismo aos dias de hoje. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996

O'KEEFFE, Linda. **A Celebration of Pumps, Sandals, Slippers and More**. Nova York: Workman Publishing, 1996

COX, Caroline. **Stiletto**. Nova York: Harper Design International, 2004

NOTAS

[1] AMIET, 1974.
[2] LEWIS, 1996, p. 265.
[3] Idem.
[4] Guia religioso ou militar mulçumano.
[5] Símbolo indicativo de sua profissão, bordado e aplicado à roupa.
[6] LEWIS, 1996
[7] GIORDANI, 1992, p. 45.
[8] Idem.
[9] Os *hititas* eram um povo indo-europeu que, no II milénio a.C., fundou um poderoso império na Anatólia central (atual Turquia), cuja queda data dos séculos XIII-XII a.C.. Em sua extensão máxima, o Império Hitita compreendia a Anatólia, o norte e o oeste da Mesopotâmia, até a Palestina.
[10] KÖHLER; SICHART, 2001, p. 89
[11] GIORDANI, 1992.
[12] LEWIS, 1996, p. 143
[13] Assentamento neolítico muito grande na Anatólia, datada de cerca de 6700 a.C. Mostra um estágio cultural refinado, com casas de tijolos crus nas quais se entrava pelo teto, possivelmente por uma escada de madeira. O trânsito entre as casas se fazia por cima destas, já que não havia ruas entre elas.